



Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica

ISSN: 1516-1498

revistaagoraufjr@gmail.com

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Brasil

Cosentino, Juan Carlos

MANUSCRITOS FREUDIANOS INÉDITOS: DAS ICH UND DAS ES

Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, vol. XVI, abril, 2013, pp. 77-93

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=376534590006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

MANUSCRITOS FREUDIANOS INÉDITOS: *DAS ICH UND DAS ES**

Juan Carlos Cosentino

Juan Carlos Cosentino

Doutor em

Psicologia pela

Universidade

Nacional de La

Plata, professor

titular consultor

pela Faculdade

de Psicologia da

UBA, pesquisador:

categoria 1, da

Universidade de

Buenos Aires,

membro da

Comissão assessora

do Mestrado em

Psicanálise da

Faculdade de

Psicologia da

Universidade

do Aconcágua

(Mendoza),

membro do Comitê

Acadêmico do

Mestrado em

Psicanálise da

Universidade

John F. Kennedy

(Argentina).

Tradução de Maria

Tereza Moreira

RESUMO: Apresentamos aqui uma leitura crítica e comparada entre o rascunho e a forma final de *O ego e o id*, no momento em que nasce uma dissimetria entre o inconsciente reprimido e o material inconsciente que permanece não reconhecido. Partimos do capítulo “Os dois tipos de pulsão”. O próprio Freud nos lembra que as questões aí levantadas retomam pensamentos iniciados em 1920. A partir da redefinição do Inconsciente e, mais tarde, com a reformulação da ideia de pulsão de morte, tais considerações permanecem mais perto da psicanálise que do texto *Além....* Não obstante, o que denomina “nossa especulação” retorna nas conclusões do capítulo IV sobre o pressuposto da pulsão de morte. Com a irrupção do não-ligado, quais são os propósitos da pulsão de morte, em 1923, quando esta tem as mãos livres? Em 1924, constata que não-toda a pulsão está inscrita na representação. Intervém o silêncio da pulsão: essa fronteira, onde o id fala, o id goza e nada sabe.

Palavras-chave: Inconsciente, pulsão, morte, saber.

ABSTRACT: Freudian unpublished manuscripts: *das Ich und das Es*. This is a critical and comparative reading of the manuscripts of *The Ego and the Id*. We can read in this work a dissymmetry between the repressed unconscious and the material that remains unknown. We depart from chapter IV, “The two kinds of Drives”. As Freud announces, the matters he displays resume thoughts from his writings of 1920. So, starting with the redefinition of Ucs and afterwards, with the reformulation of the idea of *Todestrieb*, they remain much closer to psychoanalysis than Beyond the pleasure principle. But what he calls, “our speculation” returns in the conclusions of chapter IV about the assumption of the *Todestrieb*. With the breaking through of the not bound: what are the purposes the *Todestrieb* serves, when, as he says in 1923, it has its hands free? In 1924 he confirms that not-all the drive is inscribed in the representation. The silence of the drive intervenes: this border, where id speaks, id enjoys and knows nothing.

Keywords: Ucs (unconscious), drive (*Trieb*), death, knowledge (*Wissen*).

* Este artigo é fruto de uma conferência ministrada na UFRJ em 1º de agosto de 2011.

INTRODUÇÃO: O SILÊNCIO DA PULSÃO

O próprio Freud nos lembra que as questões levantadas em seu trabalho *O ego e o id*, especialmente no capítulo IV (“Os dois tipos de pulsão”) retomam pensamentos iniciados antes em seu texto de 1920, interligando-os com múltiplos fatos da observação analítica e tentando extrair desta confluência novas conclusões.

Pois bem, na própria “Introdução” de *O ego e o id*, Freud nos esclarece que tais pensamentos não seguem a elaboração teórica por ele designada como “elaboração analítica”, nem pedem um novo empréstimo à biologia, como sucede no capítulo VI de *Além do princípio de prazer*. Por este motivo, a partir da redefinição do Inconsciente¹ (Freud propõe um inconsciente não totalmente reprimido em *O ego e o id*) e da subsequente reformulação da pulsão de morte em 1924, as referidas reflexões se mantêm mais próximas da psicanálise do que em *Além do princípio de prazer*.

Entretanto, o que Freud chama de “nossa especulação acerca das pulsões” em *Além do princípio de prazer* (1920a, p.268 [p.58]), retorna nas conclusões deste capítulo sobre o pressuposto (*Annahme*) da pulsão de morte: “acerca das pulsões, desenvolvi recentemente (*Além do princípio de prazer*) um ponto de vista ao qual pretendo ater-me, tomando-o no caso como fundamento das dissertações que se seguem” (FREUD, 2011, p.431).

Em outras palavras, as questões levantadas no capítulo IV acerca das pulsões não seguem a elaboração teórica por Freud designada como “especulação teórica”, e sim o ponto de vista e as conclusões delineadas em *Além do princípio de prazer*, aos quais pretende ater-se e tomar como fundamento das dissertações ali desenvolvidas.

UMA SURPRESA

Em 2002, iniciamos um trabalho de tradução de alguns textos freudianos. O valor de ler Freud no momento atual, a partir do trabalho de tradução, transita por recriar o instante inaugural da experiência analítica.

Quando finalizávamos nossa tarefa de tradução de alguns capítulos de *O ego e o id*, recebemos, a 8 de novembro de 2004, os manuscritos inéditos do rascunho e da forma final deste trabalho.

¹ A redefinição do Inconsciente que não pede nenhum empréstimo novo à biologia nos conduz ao capítulo V de *O ego e o id*, que diz: a “morte é um conceito abstrato de conteúdo negativo para o qual não é possível encontrar uma correlação inconsciente”. Em seu lugar, a lógica freudiana do sexo conduz à angústia de castração que ressurge como falta. Um menos essencial sem o qual, tanto para o homem como para a mulher, nada poderá funcionar.

Iniciou-se assim um longo percurso para aplainar a difícil travessia pelo texto manuscrito,² que consistiu, num primeiro momento, em estabelecer o texto em alemão da forma final, cotejando-o com a versão publicada e, mais tarde, o texto do rascunho, comparando-o com a forma final. Em tempo, este trabalho acaba de ser publicado (FREUD, 2011).

Logo após, seguindo a nova tradução que fizéramos do texto publicado de *O ego e o id* (FREUD, 2005, p.11-67), preparamos a versão para o castelhano de ambos os manuscritos. Ficou faltando revisão, articulações, comentários, a comparação entre as três versões e notas preliminares.

Nesta instância, gostaria de registrar minha surpresa diante do rascunho do capítulo IV de *O ego e o id*. Possivelmente foi escrito por Freud quando o documento do rascunho, com sua última parte de anotações curtas sob a forma de breves notas de trabalho, já estava concluído. Tanto é assim, que vários fragmentos da segunda seção deste anexo (FREUD, 2011, p.166-71) são retomados de maneira parcial neste capítulo.

Outro detalhe também indicativo de que o manuscrito do rascunho já estava provavelmente concluído quando Freud redigiu este capítulo, é a repetição inadvertida do número ‘cinco’ para designar dois capítulos distintos. Teria sucedido, consoante nossa observação, que Freud, uma vez finalizada a redação do rascunho, tivesse empreendido a composição de “Os dois tipos de pulsão” e, no momento de situar o texto como o novo capítulo V do manuscrito, esquecesse de trocar o número do capítulo subsequente (“O superego como representante do id”), e, por conseguinte, denominá-lo capítulo VI (FREUD, 2011, p.289).

Por outro lado, como no manuscrito da forma final Freud transforma o referido texto em capítulo IV, vale ressaltar que o capítulo seguinte aparece numerado igualmente como IV, embora com o ‘I’ em algarismo romano rasurado (IV).³ Em outras palavras, o último capítulo era, inicialmente, o IV; porém, num segundo momento o ‘I’ é rasurado e transformado em V. Destarte, só agora no texto publicado parecem cessar as dúvidas: o capítulo em questão, de número V, figura como o último do manuscrito, mantendo o mesmo cabeçalho na forma final.

Esta vacilação de Freud, ao colocar na forma final primeiro ‘I’ para, logo em seguida, rasurá-lo, corrigindo para ‘IV’, confirma que teria escrito o capítulo “Os dois tipos de pulsões” quando já tinha finalizado a redação do rascunho de *O ego e o id* e, talvez, quando já começara a preparar a forma final.

² Freud escrevia com a letra alemã “kurrent”, difundida nos séculos XVIII e XIX em muitos lugares da Europa e usada na Alemanha e Áustria até meados do século XX. Ainda que se ensinasse a letra latina, nos países de fala alemã, a letra “kurrent” era a preferida, sendo o equivalente manuscrito das tipografias “góticas” ou fraturadas.

³ E com o título que tem no rascunho, modificado. Assim, o cabeçalho do capítulo, ‘O superego como representante do id’, se transforma em um novo título: ‘As relações de dependência do eu’.

Vale ressaltar que o rascunho não apresenta maiores diferenças em relação às duas outras transcrições e inclui o mesmo número de parágrafos (18). Todavia, a única nota de pé de página que permanecerá na versão impressa será anexada com a correção das provas tipográficas no final do penúltimo parágrafo, o [17].

TABELA DE EQUIVALÊNCIAS

Rascunho (Entwurf)	Cópia passada a limpo (Reinschrift)	Versão publicada (Druckfassung)
[Introdução] [Vorwort]	[Introdução] [Vorwort]	[Introdução] [Vorwort]
I. “Cc e icc” (I. Bw und ubw)	I. Consciência e inconsciente (I. Bewusstsein und Unbewusstes)	I. Consciência e inconsciente (I. Bewusstsein und Unbewusstes)
II. “O eu e o isso” (II. Das Ich und das Es)	II. O eu e o isso (II. Das Ich und das Es)	II. O eu e o isso (II. Das Ich und das Es)
3. “A formação do eu” (3. Die Bildung des Ichs)		
4. “O ego e o superego” (4. Das Ich und das Über-Ich)	III. O ego e o superego (ideal do eu) [III. Das Ich und das Über-Ich (Ichideal)]	III. O ego e o superego (ideal do eu) [III. Das Ich und das Über-Ich (Ichideal)]
5. “As duas classes de pulsões” (5. Die zwei Triebarten)	IV. As duas classes de pulsões (IV. Die Beiden Triebarten)	IV. As duas classes de pulsões (IV. Die Beiden Triebarten)
5’. “O superego como o representante do isso” (Das Überich als Vertreter des Es)	IV. As relações de dependência do eu (Die Abhängigkeiten des Ichs)	V. As relações de dependência do eu (Die Abhängigkeiten des Ichs)
Suplementos e complementos (Primeira seção) (Nachträge u Ergänzungen [Erster Teil])		
Perguntas laterais, assuntos, fórmulas, análise (Segunda seção) (Seitenfragen, Themata, Formeln, Analysen [Zweiter Teil])		

Para a revisão da hipótese da pulsão de morte, que no caso se apoia não na “especulação analítica”, mas no resultado desta especulação, faz falta *O problema econômico do masoquismo*, que Freud publicou menos de um ano depois. Destarte, como veremos com o 17º parágrafo da versão impressa, aquela única nota de pé de página que pôde redigir posteriormente com a correção das provas tipográficas — “as pulsões de destruição dirigidas para fora foram desviadas do próprio self (*eigenen Selbst*) por intermédio do Eros” — o resgata da dúvida e

indecisão de ter incluído este capítulo e lhe permite vislumbrar a reformulação do masoquismo.

Em resumo, para repetir com referência às pulsões as conclusões de *Além do princípio de prazer*, não valeria a pena incluir o capítulo IV, “Os dois tipos de pulsões”, em *O ego e o id*. Porém, o fato de tê-lo agregado, no último momento, com a correção das provas tipográficas e como nota de pé de página é uma interessante novidade. Temos, portanto, duas incógnitas: uma hipótese especulativa e o próprio self.

E ainda algo que se antecipa no capítulo VI de *Além do princípio de prazer*, escrito a mão em 1920: “Sob um certo ângulo, a exposição do masoquismo feita naquele momento (1915) demandaria uma correção por demais excludente; o masoquismo também poderia ser [um masoquismo] primário, o que questionei na ocasião” (FREUD, 1920a, p.263, [p.53]).

UMA HIPÓTESE ESPECULATIVA

A tradução direta do material analítico em teoria encontra impedimentos, estabelecidos pelo próprio objeto da psicanálise. Do inconsciente o sujeito só pode ligar certas pontas, certas margens, o inconsciente reprimido; porém, se esta ligadura torna possível o saber não sabido, no mesmo instante e nessa mesma ligadura, o inconsciente como tal se subtrai e permanece não reconhecido.

Até aqui, a resposta freudiana para este material “impossível de reconhecer”⁴ consiste em somar à tradução teórica do material clínico certas hipóteses especulativas, formuladas como tal, a fim de representar o irrepresentável, aquilo que subsiste além do princípio de prazer, além do trabalho de ligadura no qual se apoia a elaboração teórica do material clínico.

“O que se segue — adverte — é especulação, não raro demasiadamente ampla e que cada um apreciará ou descartará segundo sua própria posição. De resto, é uma tentativa de aproveitar de maneira profícua uma ideia, por curiosidade de saber aonde conduz.” (FREUD, 1920b, p.234 [p.53])

Assim, o capítulo VI do texto de 1920 indica uma volta sobre algo que permanecia no fundo da teoria freudiana do inconsciente e sobre o que Freud acalentava há bastante tempo — isto é, a partir dos fatos clínicos deixados de fora pelo princípio de prazer — uma certa ideia.⁵

⁴ Ver Cosentino, “Acerca del capítulo III de *El yo y el ello: La hendidura del sujeto y el naufragio del complejo de Edipo*”, in FREUD, *El yo y el ello, Manuscritos inéditos y versión publicada*. Buenos Aires: Mármol-Izquierdo, 2011, p.528.

⁵ Na “Nota introductoria al Borrador del capítulo 5”, in Freud, *El yo y el ello, Manuscritos inéditos y versión publicada*, op. cit., p.98-9.

“Aqui — prossegue — se impõe a ideia (*die Idee*) de que nos deparamos com um indício do caráter universal das pulsões — não claramente identificado até agora, ou pelo menos não acentuado de forma expressa — e talvez de toda a vida orgânica em geral”. Em seguida, propõe um novo argumento para a ideia de pulsão: “Uma pulsão seria, portanto uma premência própria do orgânico vivo para restabelecer (*Wiederherstellung*) um estado anterior que este orgânico vivo teve que abandonar devido à influência de forças perturbadoras do exterior” (FREUD, 1920c, p.246 [p.67]). E, ainda:

“Se é certo que a vida surgiu da matéria inanimada — em uma época inimaginável e de maneira irrepresentável — tem que ter surgido neste momento, de acordo com nossa premissa, uma pulsão que teria querido tornar a cancelá-la, reproduzindo o estado inorgânico.” (FREUD, 1932, p.540 [p.99])

Porém, o retorno sobre os fundamentos da especulação renova um ponto problemático deixado em suspenso no capítulo V e que não podemos deixar de considerar aqui: “uma evidente objeção — sustentada na ideia — de que além das pulsões conservadoras, que forçam a repetição, há outras que pressionam no sentido da criação e do progresso” (FREUD, 1920c, p.247 [p.37]).

Freud conservou duas versões de *Além do princípio de prazer*, a manuscrita e a datilografada. A nossa proposta de investigação compreende o estabelecimento do texto em alemão e sua tradução para o castelhano. Na versão manuscrita, Freud incluiu somente seis capítulos, enquanto que na datilografada acrescentou outro de imediato, que se afigura como eixo do texto: o atual capítulo VI do escrito publicado, no qual se refere a “dois tipos de pulsões”.⁶ Ali, escrito por ocasião da versão datilografada, Freud assinala:

“continuamos sentindo como uma sensível perturbação de nossa sequência de pensamentos, o fato de não podermos demonstrar, justamente no tocante à pulsão sexual, este caráter de compulsão à repetição que desde o princípio nos conduziu ao rastro das pulsações de morte.” (1920a, p.264 [p.54])

Então — continua — “se não quisermos deixar escapar o pressuposto das pulsões de morte, teremos que associar a elas pulsões de vida desde o próprio

⁶ Logo que Freud inseriu um novo capítulo, o VI, escrito inteiramente a mão, se deu a modificação do número VII, corrigido com o segundo I romano escrito a mão, do último capítulo de *Além do princípio de prazer*. FREUD (2004): “Jenseits des Lustprinzips” [g], Holograph manuscript y Holograph and typewritten manuscript, bound, Manuscript Division, Library of Congress, Washington, D.C.; o estabelecimento do texto manuscrito em alemão e a tradução para o castelhano se encontram em curso.

começo”, isto é, trabalhar “com uma equação de duas incógnitas” (FREUD, 1920a, p.265-66 [p.55]).

Verificamos pois o rigor de Freud: a hipótese das pulsões de morte apenas se sustenta se também as sexuais, com seus rodeios para chegar à morte, visarem restabelecer um estado anterior. Na verdade, “esta hipótese deduz uma pulsão da necessidade de restabelecer um estado anterior” (idem, p.265-66 [p.56]).

Desta maneira, o que encontra na ciência acerca do nascimento da sexualidade e do problema da morte é tão pouco, que compara este problema a uma “obscuridade que não foi atravessada nem mesmo pelo raio de luz de uma hipótese” (idem, 1920a). E “assim em um lugar totalmente diferente”, com o pressuposto⁷ de natureza fantástica que Platão faz Aristófanes desenvolver no *Banquete* — “certamente mais um mito do que uma explicação científica” — consegue preencher justamente uma condição cujo cumprimento anseia: a substância inanimada ao ganhar vida, ou melhor, no momento em que ganhou vida, “se fragmentou em pequenas partículas que desde então aspiram a reunir-se, a juntar-se novamente, a aglomerar-se, por meio das pulsões sexuais” (idem, p.267 [p.57])

Pois bem, “em algum momento, pela intervenção de forças que ainda se nos afiguram totalmente inimagináveis, foram suscitadas na matéria inanimada as propriedades da vida” (FREUD, 1920c, p.248 [p.38]). Contudo,

“a substância viva — na qual persiste a afinidade da matéria inanimada — ao ganhar vida, foi fragmentada (*zerrissen*) em pequenas partículas que desde então tendem a se re-unir (*Wiedervereinigung*) através das pulsões sexuais.” (FREUD, 1920a, p.267 [p.57])⁸

Isto se confirma na 32ª conferência, quando se questiona, retomando aquele mesmo rigor, “se o caráter conservador por acaso não é próprio de todas as pulsões sem exceção, se também as pulsões eróticas visariam trazer de volta (*wiederbringen*) um estado anterior toda vez que aspirassem à síntese do vivo em unidades maiores” (FREUD, 1932, p.540 [p.100]).

“As pulsões... se revelam como aspirações por restabelecerem (*Wiederherstellen*) um estado anterior. Podemos supor que no mesmo momento em que um destes estados, já alcançado, é perturbado, nasce uma pulsão para recriá-lo, produzindo

⁷ “Este pressuposto – para Brigitte Lemérier – constitui a última peça da construção freudiana, peça indispensável para que toda a estrutura se sustente.” Ver *La pulsión de muerte*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2006, p.19-32.

⁸ Na versão manuscrita há um significativo termo adicionado que logo Freud elimina. Lemos: “Por acaso devemos, seguindo a piscadela do filósofo poeta, arriscar o pressuposto de que a substância viva, ao tornar-se viva, ao mesmo tempo fragmentou-se em pequenas partículas, que desde então tendem a se reunir por meio das pulsões sexuais?”

fenômenos que podemos designar como compulsão à repetição... Nem no âmbito psíquico demoramos muito tempo para encontrar suas manifestações.

Chamou-nos a atenção o fato de que as experiências (*Erlebnisse*) esquecidas e reprimidas da primeira infância se reproduzissem no decurso do trabalho analítico em sonhos e reações, particularmente as de transferência e isto apesar de seu despertar contrariar o interesse do princípio de prazer;... nestes casos uma compulsão à repetição se impõe, inclusive além do princípio de prazer. Também fora da análise é possível observar algo semelhante. Há pessoas que durante a vida... parecem perseguidas por um destino implacável, quando uma indagação mais atenta ensina que elas mesmas, sem se darem conta, se depa-ram com este destino. Em tais casos atribuímos a esta compulsão à repetição o caráter demoníaco.

Porém em que contribuirá este traço conservador das pulsões para entendermos nossa autodestruição? Que estado anterior tal pulsão visaria restabelecer?... E se agora reconhecemos nesta pulsão a autodestruição que tínhamos pressuposto, estamos autorizados a considerar esta última como manifestação de uma pulsão de morte que não pode estar ausente de nenhum processo vital.” (FREUD, 1932, p.539-40, [p.98-99])

O MITO

No *Banquete* de Platão há o mito sobre a origem do amor. Segundo o relato de Aristófanes, eram três os gêneros dos homens; além do masculino e do feminino, havia o terceiro que participava destes dois, cujo nome era o andrógino. Estes eram seres redondos, cujas espáduas e costas formavam um círculo; tinham quatro braços, dois rostos sobre um pescoço circular e, sobre estes dois rostos, uma única cabeça; tinham quatro orelhas, dois órgãos sexuais e o resto do corpo duplicado.

Esta espécie particular, o andrógino, caminhava em posição erecta como agora, para trás e para a frente, como desejasse. Porém, quando queria correr com rapidez, dava uma cambalhota fazendo girar as pernas até cair na posição vertical e, como eram oito membros para se apoiar, avançava dando voltas sobre eles em grande velocidade. “Eram pois seres terríveis por seu vigor e força; além disso grande era sua arrogância, tendo chegado a atentar contra os deuses...quiseram mesmo construir uma escada para atacá-los” (PLATÃO, 1992, p.58-62).

Quando os deuses se inteiraram desta arrogância, concordaram que o castigo deveria ser exemplar. Zeus arquitetou a melhor maneira: cortá-los em duas partes de forma a torná-los incompletos, com a desesperação de cada um buscar

a outra parte eternamente. “Estando pois toda a natureza dividida em dois, em cada ser humano surgiu uma enorme nostalgia de sua outra metade e as duas metades jogavam os braços uma para outra e trançavam seus corpos, desejosas de tornar a fundir-se em um só ser” (idem, 1992).⁹ Assim, a condenação consistiu em ansiar pela outra parte. Desde então, homens e mulheres buscam sempre a outra metade.

RESTABELECE UM ESTADO ANTERIOR

Lemos que:

“devemos deixar sem resposta este problema: se o caráter conservador por acaso não é próprio de todas as pulsões sem exceção, se também as pulsões eróticas visariam trazer de volta (*wiederbringen*) um estado anterior toda vez que aspirassem à síntese do vivo em unidades maiores” (FREUD, 1920a, p.268 [p.58])

Enquanto o mito deixa em suspenso esta aspiração à reunião, a tradução teórica dos processos (*Vorgänge*) inconscientes apresenta um problema específico: para Freud, é necessariamente incompleto já que “nos vemos obrigados a trabalhar com termos científicos, isto é, com a linguagem de imagens (*Bildersprache*) ou a linguagem metafórica própria da psicologia... das profundidades” (idem, p.268 [p.58]). Porém, esta linguagem distinta, metafórica, inadequada para traduzir os referidos processos, insiste no texto: “se realmente é um caráter tão geral das pulsões o fato de querer restabelecer um estado anterior”, não é de estranhar que na vida anímica a maior parte dos processos “se realizem independentemente do princípio de prazer” (FREUD, 1920d, p.270 [p.60]). Sem dúvida, a tradução teórica pressiona, urge, pois “de outra maneira não poderíamos nem sequer descrever os processos correspondentes; ainda mais: nem sequer os teríamos percebido” (FREUD, 1920a, p.268 [p.58]).

E quais seriam os fatos clínicos deixados de fora pelo princípio de prazer? As antecipações. Freud se ajusta, no manuscrito K, ao paradigma da neurose de angústia, segundo o qual, da mesma maneira que na história de conversão e na neurose obsessivo-compulsiva (*Zwang*), “uma quantidade que nasce da vida sexual provoca (*verursachen*) uma perturbação dentro do psíquico”, apesar do princípio regulador, o da constância.¹⁰

⁹ Também, em Diálogos. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1970, p.89-138 y México, Porrúa S. A., 1991, p.351-386.

¹⁰ S. Freud, “Manuscrito K”, em Primeira clínica freudiana. Buenos Aires: Imago Mundi, 2003, p.120.

A partir daquela fonte independente, o inconsciente consistirá na operação de substituição, realizada através da repressão, ao redor do agulheiro do não-reconhecido, ou seja, do seu próprio ponto de fracasso.

Então, em relação ao não-reconhecido, o que faz estranhar o restabelecimento de um estado anterior?

No capítulo IV de *Das Ich und das Es*, deparamo-nos com um final curioso. Para Freud, não é possível refutar o ponto de vista de que o princípio de prazer lhe serve como uma bússola na luta contra a libido, que dá entrada às perturbações no decorrer da vida.

Pois bem, mantendo ainda a correlação entre ambos os princípios, o ato sexual introduz uma certa novidade, pois, “depois de excluído o Eros através da satisfação, a pulsão de morte tem mão livre para instaurar seus propósitos”.¹¹

Em um pequeno parêntese que introduz um pouco antes de começar a escrever *O problema econômico do masoquismo*, Freud destaca, incluindo o Além do princípio de prazer e a aspiração masoquista, porém sem “recusar ao princípio de prazer o título de guardião da vida”, que “na série gradual das sensações de tensão sentimos diretamente o aumento e a diminuição das magnitudes de estímulo e é incontestável que existem tensões prazenteiras e distensões desprazenteiras” (FREUD, 1924, p.343-45 [p.166-67]).

Destarte Freud apresenta o estado de excitação sexual¹² como o exemplo mais notável de um destes incrementos prazenteiros do estímulo. E a semelhança “entre o estado posterior à satisfação sexual completa e o morrer” requer, no terreno do ligado, o Além do princípio de prazer (FREUD, 2011, p.443).

UMA MUDANÇA DE META: UM MATERIAL INCONSCIENTE NÃO RECONHECIDO

O problema econômico se refere à “existência da aspiração masoquista na vida pulsional dos seres humanos” (FREUD, 1924, p.343 [p.79]). Diante disso, somente quando existe surpresa, não preparação e desamparo, dá-se a invasão inopinada do fenômeno do *unheimlich*. Nesta direção da irrupção do não ligado, quais são os propósitos da pulsão de morte quando tem as mãos livres?

Para a revisão do pressuposto da pulsão de morte, que não siga estritamente a elaboração teórica chamada “especulação analítica”, e sim que a resgate, faz falta

¹¹ Se o princípio de constância, seguindo Fechner, domina a vida que deveria ser, então, um deslizar em direção à morte, “são portanto as exigências do Eros, das pulsões sexuais, as que detêm — como necessidades de pulsão — a queda do nível e dão entrada a tensões novas”. S. Freud, *O ego e o id*, Manuscritos inéditos e versão publicada” (versão impressa, capítulo IV, parágrafo [18]), op. cit., p.443.

¹² Não sem o Além... porém no campo do princípio de prazer.

O problema econômico do masoquismo, que Freud publicou menos de um ano depois de escrever *O ego e o id*.

Com a dor, assinala Freud, ocorre uma mudança de meta. Trata-se de uma satisfação de outra ordem: o sujeito encontra prazer além do princípio de prazer, pois, no desprazer, há lugar para o gozo. Neste momento, “o princípio de prazer fica paralisado” (idem, p.343 [p.79]). Freud constata então que nem toda pulsão está inscrita na representação. Intervém, pois, junto a este material, o Inconsciente não-reconhecido, o silêncio da pulsão, cujo nome é a pulsão de morte.

À semelhança do capítulo IV, refere-se ao domínio da pulsão de morte pela libido. Assim como em *O problema econômico do masoquismo*, trata-se de uma tentativa: “não conseguimos deduzir a proporção das pulsões de morte que se subtraem deste domínio obtido através da ligadura com complementos libidinosos” (idem, p.348 [p.170]).

Já no manuscrito do capítulo VI de *Além do princípio de prazer*, pontua que “o masoquismo também poderia ser [um masoquismo] primário” (FREUD, 1920a, p.263 [p.53]). Mas agora, em 1924, o reconhecimento de um masoquismo erógeno primário produz um giro e lhe dá acesso ao gozo.

O PRÓPRIO SELF

No capítulo IV de *Das Ich und das Es* curiosamente encontramos uma única nota de pé de página, acrescentada durante a correção das provas tipográficas, indicando que “as pulsões de destruição dirigidas para fora tinham sido desviadas do próprio self (*eigenen Selbst*) por intermédio de Eros” (FREUD, 2011, p.443, n).

E, justamente, esta chamada antecipa no “próprio Selbst” a reformulação do masoquismo.

“No ser vivo... a pulsão de morte... que impera dentro dele, tentaria desgarrá-lo, fragmentá-lo e levá-lo [...] à condição de estabilidade inorgânica”, ali aonde — com o pressuposto da natureza fantástica — Freud conseguia preencher uma condição: esta aspiração à reunião. No entanto, “a tarefa da libido é tornar inócua esta pulsão destruidora [...] desviando — um setor desta — uma boa parte para fora” (FREUD, 1924, p.347-48 [p.169-70]).

Não obstante, “outro setor não obedece a este traslado para fora, permanece no interior do organismo e ali é ligado libidinosamente com a ajuda da coexcitação sexual”. E justo aí “neste setor temos que distinguir o masoquismo erógeno, originário” (idem, p.347-48 [p.169-70]).

Desta maneira, no texto de 1924 se produz o encontro da hipótese especulativa com o masoquismo erógeno, originário. Porém, neste cruzamento, quando

reaparece a volta ao inanimado, há uma torção, pois a condição primária do masoquismo subverte a relação do sujeito com o gozo. E, também, uma dessemelhança, uma vez que “o próprio self” vale como um objeto alheio.

Com esta dessemelhança, a pulsão de morte é incompreensível se o princípio de prazer governa os processos anímicos. Contudo, tem mão livre para instaurar seus propósitos quando, com a mudança de meta e ligada libidinalmente por meio da coexcitação sexual, permanece no interior como um exterior, sempre excluído. Neste ponto, trata-se do masoquismo erógeno em sentido estrito — ou seja, de um componente da libido que continua tendo, por objeto, o próprio ser — o “próprio self”. Uma testemunha e um resto deste tempo da liga pulsão de morte-Eros.

QUEDA DO PRESSUPOSTO DA REUNIÃO

Com a comoção que ocorre pela entrada do gozo, por um lado, cai o pressuposto da reunião. Por outro, presumindo-se, em 1938/40, que “o vivo chegou mais tarde do que o inerte e surgiu a partir deste”, permanece no horizonte “a fórmula mencionada, a saber, que uma pulsão aspira ao regresso a um estado anterior”. Mas então Freud faz notar que “não podemos aplicar a Eros essa fórmula” pois isto “pressuporia que a substância viva fosse outrora uma unidade logo desgarrada e que agora aspiraria à sua re-união (*Wiedervereinigung*)”. E então? “Os poetas fantasiaram algo semelhante; nada igual nos é familiar desde a história da substância viva” (FREUD, 1938-40, p.71 [p.147]).

No mito, a natureza do ser andrógino ficou cortada em dois. “Então cada metade, suspirando por sua outra metade, a ela se unia: desejando confundir-se em um só ser” (PLATÃO, 1992, p.58-62). Desta maneira, a mais terrível das condenações tinha sido cortar a esfera, a imagem de um corpo esférico, acabado, cuja simetria era tal que proporcionava prazer ao olhar. Dividir a esfera era, pois, romper com o harmônico, atentar contra a boa forma.

Pois bem, ansiar pela outra metade tornou-se impossível, tal como o harmônico. Mas há aqui uma torção: trata-se de dessemelhança, já que “o próprio self”, na *Spaltung* (clivagem) do sujeito, vale como um objeto alheio.

Então, o mito da lamela encarna a “parte faltante” do mito de Aristófanes, que é resultado de uma divisão inaugural, que deixa um resto inassimilável. Assim sendo, o mito da busca da metade sexual no amor fica substituído pela busca, pelo sujeito, não do complemento sexual, mas da parte de si mesmo perdida para sempre: o próprio self.

“Assim, explico a afinidade essencial de toda pulsão com a zona da morte e concilio as duas faces da pulsão — a pulsão que, ao mesmo tempo, presentifica

a sexualidade no inconsciente e representa, em sua essência, a morte” (LACAN, 1964, p.204-07).

Tal como lemos no Esquema, enquanto persiste no horizonte a volta de uma pulsão ao estado inorgânico, sustentada pela condição primária do masoquismo, cai o pressuposto da unidade primordial de Eros, logo rompida, que buscava a fusão (re-união).

E justamente neste ponto de torção, Lacan reflete sobre o retorno freudiano ao inanimado — “no fundo uma extinção das tensões” — e o recoloca como esse ponto de fuga, esse ponto ideal, esse ponto fora do plano, cujo sentido a análise estrutural capta, ficando perfeitamente indicado o que constitui o gozo.¹³

O MASOQUISMO ERÓGENO, ORIGINÁRIO

Pois bem, via Esquema, a questão colocada é outra: “se a satisfação de impulsos pulsionais puramente destrutivos pode ser sentida como prazer, se pode ocorrer uma destruição pura sem agregado libidinoso”. Sua resposta é que “uma satisfação da pulsão de morte que tenha permanecido no eu¹⁴ não parece mobilizar sensações de prazer, embora o masoquismo constitua uma mescla inteiramente análoga ao sadismo” (FREUD, 1938-40, p.76 n [p.152 n]).

Com efeito, a esta altura, Freud já introduziu o masoquismo erógeno originário e apenas o masoquismo introduz essa dimensão de satisfação, ou seja, um valor de gozo para o sujeito.

Com a mudança de meta — do prazer para a dor — é possível localizar essa estranha satisfação. Existe gozo onde começa a aparecer a dor. No entanto, “não se goza a dor em si, mas a excitação sexual que a acompanha” (FREUD, 1915, p.92 [p.124]). É somente nesta borda da dor, cujo campo foi ampliado¹⁵

¹³ “Basta partir do princípio do prazer, que não é mais que o princípio da menor tensão... que deve se manter para que subsista a vida. Isto demonstra que o gozo em si a transborda e que o princípio do prazer mantém o limite a que o gozo se refere. Como tudo nos indica nos fatos, na experiência, na clínica, a repetição se fundamenta num retorno do gozo. E o que o próprio Freud articula neste sentido é que, nessa mesma repetição, se produz algo que é um defeito, um fracasso” (J. Lacan, *El Seminario*, libro 17, *El revés del psicoanálisis*, Bs. As, Paidós, 1992, p.48).

¹⁴ Freud comenta: “Uma porção da pulsão de morte permanece ativa no interior do ser vivo, temos tentado deduzir toda uma série de fenômenos normais e patológicos desta interiorização da pulsão destrutiva. E até temos cometido a heresia de explicar a gênese de nossa consciência (*Gewissen*) por essa volta da agressão para dentro.” S. Freud, *Por que a guerra?*, SA, IX, p.282 (AE, XXII, p.194).

¹⁵ Aí surge uma formulação em um tempo em que Freud pode deixar entre parênteses a ciência da época, não mencionar nem a psicofisiologia, nem as enfermidades dolorosas, como logo ocorre na passagem para a forma final e ampliar o campo da dor. “A maneira pela qual, no caso da dor, são obtidas novas representações do interior do próprio corpo é, talvez, paradigmática da maneira pela qual cada um adquire geralmente o conhecimento do seu

no rascunho do breve capítulo III, que se pode experimentar o corpo, que de outra maneira permanece velado.

Assim sendo, se “o nome de libido pode aplicar-se... às manifestações da força de Eros, a fim de separá-las da energia da pulsão de morte” (FREUD, 1930, p.248 [p.171]), Freud nos adverte, em *O mal-estar na civilização*, que, pelo contrário, carecemos de um termo análogo à libido para a energia da pulsão de destruição. Acontece que “posteriormente se torna relativamente fácil para nós investigar os destinos da libido, mas como assinala no Esquema, é mais difícil na pulsão de destruição” (FREUD, 1938-40, p.248 [p.117]).

Uma vez que é mais árduo na pulsão de morte, em *O mal-estar na civilização* a concepção freudiana pode ser enunciada assim, de certa forma: “em cada manifestação de pulsão participa a libido, porém nem tudo nela é libido (*daß an jeder Triebäußerung Libido beteiligt ist, aber daß nicht alles an ihr Libido ist*)” (FREUD, 1930, p.248, n [p.117, n]).

Assim, corresponde aceitar que a pulsão de morte:

“quando não se dilata por meio da liga com o Eros, resulta mais difícil de apreender — de certo modo somente a vislumbramos como vestígio por trás de Eros —, e ainda assim nos escapa. ... No sadismo, onde ela torce a seu favor a meta erótica satisfazendo ao mesmo tempo inteiramente a tendência sexual, chegamos ao mais claro entendimento de seu ser (*Wesen*) e de sua relação com o Eros. Porém, aonde ainda se apresenta sem propósito sexual, inclusive com a mais cega fúria destrutiva, não é possível desconhecer que sua satisfação é ligada a um gozo narcisista extraordinariamente alto, na medida em que ensina ao eu o cumprimento de seus antigos desejos de onipotência... Como o pressuposto desta pulsão se assenta essencialmente em razões teóricas, deve-se admitir que também não está de todo a salvo de objeções teóricas” (idem).

O QUE É O INCONSCIENTE

Quando Freud, como observamos,¹⁶ refere-se, no capítulo II, ao eu como entidade corporal (um eu-corpo), o Ich não é somente uma entidade de superfície, mas é em si mesmo a projeção, tendo como referência a dor, de uma superfície.¹⁷ E nessa estranheza do corpo onde aparece a dor, como anteci-

eu corporal.” S. Freud, *El yo y el ello*, Manuscritos inéditos y versión publicada (Borrador, capítulo 3, párrafo (22), p.9), op. cit., p.69.

¹⁶ Ver: J. C. Cosentino, “Un material Icc que permanece no-reconocido: Acerca del capítulo II de *El yo y el ello*”, em S. Freud, *El yo y el ello*, Manuscritos inéditos y versión publicada, op. cit., p.515.

¹⁷ “A extensão do eu na dor interna [é] paradigma para o nascimento do eu” (breve nota (24) da segunda seção: “Perguntas laterais, temas, fórmulas, análises”, em S. Freud, *El yo y el ello*, Manuscritos inéditos y versión publicada, op. cit., p.169.

pamos, há outro “espaço” para o real do gozo. O eu-corpo, um eu estranho, ocupa o lugar desse objeto que Freud não terminou de construir e sustenta, objetando o universal, esse inconsciente não totalmente reprimido. “Desta forma, o gozo do corpo estabelece um ponto contra o inconsciente” (LACAN, 1980-81, p.266).

O que é, pois, o inconsciente? É aquilo que se baseia no rastro do não-reconhecido, que lhe dá corpo à falta, que clama por esse mesmo campo heterogêneo que compelia, em 1920, a levar em consideração um Além do princípio de prazer e que divide o espaço deixando entrever também seu caráter dissimilar, assimétrico.¹⁸

Por sua vez, como momento da constituição do sujeito, a perda tem um preço: surgem a *Spaltung* (clivagem) e sua futura negação, antecipadas neste manuscrito e anuladas no texto definitivo.¹⁹ Esta fenda que se localiza no “núcleo de nosso ser” nos conduz, como “Além do princípio de prazer” e o “Inconsciente que tem a marca do impossível de reconhecer”, a esse mesmo campo heterogêneo.²⁰

“Assim, a noção do impossível... permite especificar o ser humano como sendo, não exatamente ... o ponto do despertar do conhecimento, e sim, inversamente, a base de outro especial *Unerkennung* (reconhecimento), isto é, não só um não-reconhecimento, mas também uma impossibilidade de conhecer o que concerne ao sexo” (LACAN, 1975, p.10-11)

Desta forma, o real provoca seu próprio desconhecimento. Há algo a respeito do real que, irremediavelmente, não se sabe, e o “não-reconhecido” transcreve a falha do saber.

Destarte, estes manuscritos freudianos (*Além do princípio de prazer, O ego e o id*) têm a marca de pensamentos de um tempo pristino, premidos pelo real da psicanálise, e seu alcance é destacado por Lacan: nesta mesma borda, onde ele fala, goza e não sabe nada, pois esse saber é perfeitamente limitado ao gozo insuficiente que constitui o que fala. “O inconsciente é que o ser, ao falar, goze

¹⁸ Ver: J. C. Cosentino, “La hendidura del Ich y una nota sobre el fetichismo”, em *Qué es el inconsciente*. Buenos Aires: Mármol-Izquierdo, 2009, p.199-214.

¹⁹ Não obstante, no texto publicado perdeu-se toda referência com a “escisión”, a “desintegración” e a “hendidura”, que aparecem três vezes no documento do rascunho e com a nota sobre o fetiche, que acompanha o manuscrito da cópia passada a limpo. Ver: “Nota introductoria al borrador del capítulo 4”, em S. Freud, *El yo y el ello*, Manuscritos inéditos y versión publicada, op. cit., p.75-77.

²⁰ Pois, se a operação de desmentir é estrutural e constitutiva do ato que fundamenta o sujeito como dividido é porque esta operação incide sobre o real da mesma e, por sua vez, é induzido por ela. Ver: Comissão do Passe, “A *Verleugnung* e a formação do analista”, em Documento para uma Escola IV. O que é a Escola?, in revista *Escola Letra Freudiana* n. 0”, Rio de Janeiro, 2006, p.19-24.

e... não queira saber nada mais disso... Isto quer dizer: não saber absolutamente nada” (LACAN, 1973, p.128).

Toma-se conhecimento então do desenlace do encontro da pulsão de morte com a segunda tópica, isto é, do silêncio da pulsão com esse material Inconsciente não-reconhecido, quando a condição primária do masoquismo subverte a relação do sujeito com o gozo: o id não pensa, o id goza, selando a descontinuidade existente entre o inconsciente e o id.

Recebido em 11/8/2011. Aprovado em 25/9/2011.

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. (1915) *Pulsiones y destinos de pulsión*, Studienausgabe (SA), III, Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag, 1997 (Amorrortu Editores (AE), XIV. Buenos Aires: 2001).
- _____. (1920a) *Más allá del principio de placer* (cap. VI), SA, III, (AE, XVIII).
- _____. (1920b) *Más allá del principio de placer* (cap. IV), SA, III, y en *El giro de 1920*. Buenos Aires: Imago Mundi, 2004.
- _____. (1920c) *Más allá del principio de placer* (cap. V), SA, III, y en *El giro de 1920*. Buenos Aires: Imago Mundi, 2004.
- _____. (1920d) *Más allá del principio de placer* (cap. VII), SA, III, (AE, XVIII).
- _____. (2004) “*Jenseits des Lustprinzips*” [g], *Holograph manuscript and Holograph and typewritten manuscript, bound*, Manuscript Division, Library of Congress, Washington, DC, inédito.
- _____. (1922-23) *El yo y el ello*, *Manuscritos inéditos y versión publicada*. Buenos Aires: Mármol-Izquierdo, 2011, pp.7-582.
- _____. (1924) *El problema económico del masoquismo*, SA, III (AE, XIX).
- _____. (1930) *El malestar en la cultura* (cap. VI), SA, IX (AE, XXI).
- _____. (1932) 32ª Conferencia. *Angustia y vida pulsional*, SA, I (AE, XXII).
- _____. (1938-40) *Esquema del psicoanálisis*, *Gesammelte Werke* (GW), XVII, Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag, 1991 (AE, XXIII).
- _____. “*El yo y el ello*” (2005), in *El problema económico*. Buenos Aires: Imago Mundi.
- _____. (2011) *El yo y el ello*, *Manuscritos inéditos y versión publicada*. Buenos Aires: Mármol-Izquierdo.
- LACAN, J. (1964) *El Seminario, libro 11, Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis* (El mito de la laminilla). Buenos Aires: Paidós, 1991.
- _____. (1973) *El Seminario, libro 20, Aun* (IX. “*Del barroco*”, del 8 de mayo). Buenos Aires: Paidós, 1981.

LACAN, J. (1975) "Respuesta a una pregunta de Marcel Ritter el 26 de enero en Strasbourg", in *Lettres de l'École Freudienne* 18, París, 1976.

———. (1980-81) El Seminario, libro XXVII, Disolución (El seminario de Caracas, agosto), in *Escisión, Excomuni3n, Disoluci3n*, Bs. As, Manantial, 1987.

PLATÃO. (1992) *El Banquete o Del amor*, Madrid: Aguilar.